

# UM ESTUDO DE LUCAS 10.25-37: PERSPECTIVAS PARA A APLICAÇÃO COMUNITÁRIO-ECLÉSIAL<sup>1</sup>

*Alex Oliveira de Jesus<sup>2</sup>*

## RESUMO

O presente artigo oferece uma reflexão a respeito da perícopa de Lucas 10.25-37, produzindo uma análise exegética introdutória, objetivando extrair contribuições para a vida comunitária eclesial. A referida perícopa registra uma das mais conhecidas parábolas de Jesus, usualmente denominada de “Parábola do Bom Samaritano” que tem origem a partir de uma interpelação feita por um intérprete da Lei a Jesus. Por meio de pesquisa bibliográfica, o presente artigo é desdobrado em três tópicos: no primeiro, a parábola é considerada no plano exegético; no segundo tópico, reflete sobre a importância da aplicação da passagem, enfatizando que os resultados práticos do trabalho exegético precisam encontrar uma utilidade prática na comunidade de fé; no terceiro, consideram-se justamente algumas aplicações possíveis da perícopa em tela.

**Palavras-chave:** Lucas 10.25-37. Próximo. Aplicação. Parábola. Texto.

## INTRODUÇÃO

O texto escolhido para esta breve análise exegética é o de Lucas 10.25-37, na qual Jesus conta uma parábola. O referido texto chama-nos a atenção para um diálogo teológico estabelecido entre Jesus Cristo e um intérprete da lei, e apesar de ter um resultado muito interessante, por vezes, passa despercebido aos olhos do leitor, visto que a parábola é longa, e o diálogo propriamente dito, é curto. Ocorre assim, uma tendência natural de se ignorar o diálogo e manter o foco na exortação ética, que revela como devemos agir diante dos necessitados, ante o “próximo”.<sup>3</sup>

É preciso destacar, pois, que o diálogo não deve ser suprimido no trabalho interpretativo desta parábola. Ele é parte do contexto e conquanto não seja o foco principal

---

<sup>1</sup>Trabalho de Conclusão de Curso na forma de Artigo sob orientação do Prof.<sup>a</sup>Dr.<sup>a</sup> Claudete Beise Ulrich, Graduação em teologia Faculdade Unida de Vitória/ES, Ano 2020.

<sup>2</sup>Bacharelado em teologia pela Faculdade Unida (Vitória, ES). E-mail: Alex.o.j@hormail.com

<sup>3</sup>BAILEY, Kenneth E. *As parábolas de Lucas: a poesia do camponês: uma análise literário-cultural*. 3. ed. Trad.: Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 1995, pp. 75,76.

deste estudo, reconhece-se que ele ocupa papel fundamental na perícopes que compreende os versículos 25 a 37. O diálogo é a base geracional de toda a parábola contada por Jesus. Noutras palavras, Jesus narra a parábola como forma de responder à provocação feita pelo doutor da lei. Nisto se vê a importância do diálogo. Sem ele, na verdade, a interpretação da referida parábola sofreria grande prejuízo. No tópico a seguir serão feitas algumas considerações sobre a parábola.

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE A PARÁBOLA

O presente texto inicia com um diálogo teológico entre um intérprete da lei (ou doutor da lei em algumas versões) e Jesus Cristo, e em meio a esse diálogo, Jesus se utiliza de uma parábola para ilustrar de forma prática o sentido de seus ensinamentos sobre quem é o “próximo”, tal como indagado pelo intérprete da lei. Antes de prosseguir esta parábola e seu ensino, deve ser feita uma consideração a respeito do gênero literário a que se está utilizando. Segundo o exegeta Uwe Wegner (1998) uma parábola pode ser definida da seguinte maneira:

As parábolas propriamente ditas podem ser definidas como metáforas ou comparações ampliadas, ou seja, complementadas com detalhes da vida cotidiana e narradas em forma de histórias. As parábolas são formuladas com os tempos verbais no passado e suas histórias costumam tematizar aspectos típicos, corriqueiros e conhecido por todos. Possuem, em regras, um único ponto central de comparação.<sup>4</sup>

As parábolas foram utilizadas em abundância por Jesus. São ao todo 44 parábolas relatadas por Cristo nos Evangelhos. Ao falar por parábolas, Jesus ensinava os mistérios do Reino em uma linguagem bem acessível para comunicar a mensagem do Reino de Deus a um povo que estava acostumado a cantar e a ouvir histórias. Em determinada passagem do Novo Testamento, Jesus afirma aos discípulos que a eles havia sido dado o privilégio de conhecer os mistérios do Reino de Deus, mas para os que estavam de fora, lhes era dado ouvir do Reino por meio de parábolas (Mc 4.11,12).

Como gênero literário, as parábolas não são uma criação inédita de Jesus. Na verdade, Ele as utilizou e aperfeiçoou com vistas a produzir profundos, mas claros ensinamentos a respeito do Reino de Deus, este assunto, aliás, um tema central e recorrente no discurso de Jesus. As parábolas também eram utilizadas pelos rabinos e doutores da Lei com o objetivo de explicar às leis, preceitos, doutrinas e tradições. Jesus, no entanto, provocou seus ouvintes ao utilizá-

---

<sup>4</sup>WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 1998, p. 207.

las para ensinar verdades novas<sup>5</sup> e verdades antigas, mas revitalizadas. Não por acaso, as pessoas se maravilhavam do ensino de Cristo como se pode perceber claramente em algumas passagens dos Evangelhos.<sup>6</sup>

Para melhor compreender a perícópe em tela, é necessária uma análise da sua estrutura literária. Isto permite perceber o seu caráter e como ela está integrada ao restante do livro de Lucas e da teologia lucana, por assim dizer. Deve ser lembrado ainda que cada livro da Bíblia possui uma teologia própria e que, embora, o foco aqui, não seja estudar a teologia do livro de Lucas, onde está a perícópe em estudo, mas é fundamental identificá-la.

Para a identificação desta estrutura, isto é, da estrutura da perícópe, um passo inicial e fundamental é identificar o seu início e fim. Dito de outra forma, a perícópe, como bem lembra Wegner (1998), tem “cabeça e pé”. A partir daí é possível identificar as partes dessa perícópe e assim analisá-las.<sup>7</sup>

Este diálogo entre Jesus e o mestre da Lei é composto por oito falas e se divide em dois tempos exatos de debates. E em cada tempo possui duas perguntas e duas respostas, e a parábola está situada justamente entre esses dois tempos. Os versículos 25 e 26 contêm duas perguntas, sendo a primeira realizada pelo intérprete da Lei, e a segunda pelo Senhor Jesus, numa espécie de “inversão”. Na verdade, a segunda pergunta é dupla: Jesus indaga a seu interlocutor o que estava escrito na Lei e como ele a entendia. A primeira resposta vem em seguida, no versículo 27, resposta que não é censurada por Jesus. A questão levantada começa a ser aprofundada quando se discute na conversa o “como fazer”. O fator “o que fazer” já era conhecido pelo intérprete da lei, mas ao que parece ele mesmo não tinha uma dimensão muito clara de como amar o próximo na prática. Possivelmente, o intérprete da lei percebeu isto ao final da parábola, ao responder à pergunta inicial que ele mesmo fizera, quando indagado por Jesus.

No segundo diálogo, o doutor da Lei é retratado querendo se justificar, fazendo uma pergunta a Jesus embora já sabendo o que ele pensava sobre o assunto (10.29). É aí que Jesus conta a parábola popularmente conhecida como “A parábola do Bom Samaritano”, composta de sete cenas. A resposta que o doutor da Lei dá a Jesus evidencia uma forma de autojustificação, o que é, inclusive, confirmado pelo próprio texto (v. 29). Ambos os tempos, com perguntas e respostas, terminam com uma ordem no sentido de se fazer algo. A estrutura formal de cada cena é idêntica, resumindo-se da seguinte forma:

---

<sup>5</sup>KUNZ, Claiton André. *As Parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus*. Curitiba: A. D. Santos Editora, 2014, p. 10-11.

<sup>6</sup>Cf. e.g. Marcos 11.18.

<sup>7</sup> WEGNER, 1998, p. 112ss.

**Primeiro tempo:**“E eis que certo homem, intérprete da Lei, se levantou com o intuito de pôr Jesus à prova e disse-lhe”:

1. Doutor: (pergunta 1): “Mestre, que farei para herdar a vida eterna?”
2. Jesus: (pergunta 2): “Que está escrito na Lei? Como interpretas?”
3. Doutor: (resposta a 2): “Amarás o senhor, teu Deus, de todo a teu coração, de toda a sua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento; E: Amarás o teu próximo como a ti mesmo”;
4. Jesus: (resposta a 1):“Faze isto e viverás”.

**Segundo tempo:**“Ele (o doutor da lei), porém, querendo justificar-se, perguntou a Jesus”:

5. Doutor: (pergunta 3):“Quem é o meu próximo?” Com base nessa pergunta, Jesus conta uma parábola, contendo sete cenas diferentes sendo elas: Cena 1: os salteadores; cena 2: o sacerdote; cena 3: o levita; cena 4: o samaritano; cena 5: os primeiros socorros; cena 6: o transporte para a estalagem; cena 7: o pagamento final. Após contar essa parábola, ele faz a seguinte pergunta:
6. Jesus: (pergunta 4)“Um certo homem descia de Jerusalém [...] qual deste três se tornou o próximo?”
7. Doutor: (resposta a 4):“O que usou de misericórdia para com ele”;
8. Jesus: (resposta a 3):“Vai e procede tu de igual modo”.<sup>8</sup>

Considerada esta estrutura, acima, pode-se avançar para um estudo básico da passagem, que permite então fundamentar as aplicações que serão feitas da perícopes em tela e chegar a algumas conclusões para o trabalho comunitário. Os passos de uma exegese podem variar (entre exegetas e estudantes), ainda que se reconheça que alguns passos são imprescindíveis. Para este artigo, optou-se por utilizar o passo a passo proposto por Manuel Alexandre Júnior que, na verdade, consiste de dez etapas. Por isto mesmo, esses passos serão desenvolvidos, aplicados a Lucas 10.25-37, mas de modo sintético, até porque não é o objetivo do presente trabalho se debruçar exaustivamente sobre a exegese propriamente dita da perícopes em estudo. O que faremos é um estudo do texto em análise.

### 1.1 Atenção ao contexto histórico original

---

<sup>8</sup> BAILEY, 1995, pp. 76,98.

A autoria do texto é atribuída a Lucas, “o médico amado”,<sup>9</sup> que havia sido companheiro de Paulo em viagens missionárias. Um indicativo que deve ser considerado no que tange à autoria lucana deste livro é o uso do pronome “nós”, no plural, utilizado pelo autor em Atos, que indica sua participação nos eventos descritos. Como o livro de Atos é, de certo modo, um desdobramento ou continuidade de Lucas, é razoável concluir que o autor de Atos seja o mesmo de Lucas. Craig S. Keener comenta: “[...] ao contrário da tese de alguns estudiosos, o uso de “nós” na literatura histórica quase sempre indicava a presença do autor nas ocasiões mencionadas”.<sup>10</sup>

O idioma em que o Novo Testamento foi escrito foi o grego *koiné*. Mas este tipo de grego comum não era apenas utilizado na escrita. “Provavelmente Lucas escreveu para um público egeu, que vivia no norte do Mediterrâneo e cujo idioma era o grego”.<sup>11</sup> Isto significa dizer que os leitores de Lucas poderiam sim incluir pessoas instruídas que seriam capazes de ler a mensagem do livro em língua grega, que fazia parte naturalmente do ambiente social e cultural daquele tempo

## 1.2 O contexto literário mais amplo

Por “contexto literário mais amplo”, Alexandre Júnior está se referindo ao gênero literário da obra bem como o subgênero.<sup>12</sup> Lucas é escrito dentro do gênero literário evangelho, e como subgênero, pode ser identificado como um livro de parábolas e de narrativas (ou narração).

Martin Dreher comenta que esta perícope “[...] faz parte de um conjunto maior, organizado por Lucas e que abrange os capítulos 9.51 a 19.27”.<sup>13</sup> O mesmo autor afirma que a parábola do Bom Samaritano tem sido chamada de “relatório de viagem”. Um detalhe interessante é que Jesus está à sombra da cruz quando narra esta parábola e mesmo assim prossegue ensinando os valores do Reino.

## 1.3 Possível dificuldade presente na perícope

---

<sup>9</sup> Vide: Colossenses 4.4

<sup>10</sup> KEENER, Craig S. *Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento*. Trad.: José Gabriel Said. Thomas Neufeld de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 204.

<sup>11</sup> KEENER, 2017, p. 204.

<sup>12</sup> ALEXANDRE JÚNIOR, 2016, pp. 58,9.

<sup>13</sup> DREHER, Martin. Lucas 10.25-37: auxílio homilético. *Proclamar libertação*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1984. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/textos/lucas-10-25-37-1>> Acesso em 18 nov. 2019.

Uma dificuldade presente na perícópe que deve ser seriamente considerada é o pano de fundo cultural. O desconhecimento desse cenário implicará numa compreensão deficitária ou mesmo na incompreensão da mensagem da parábola. Quando se percebe que naquele momento histórico em que “[...] judeus não se comunicam com os samaritanos”<sup>14</sup>, o ato do samaritano, na parábola, de ir ao encontro do homem ferido à beira da estrada assume assim um grande significado, que dá um sentido prático ao mandamento de amar ao próximo.

#### 1.4 O sentido de termos-chave

A palavra “lei” na perícópe é de fundamental importância. O intérprete da lei pergunta a Jesus a respeito da lei da qual era conhecedor, diga-se, um especialista. Mas qual o sentido de lei para aquele intérprete e para Jesus? Fica evidente que eles tinham percepções substancialmente diferentes, pelo menos, quanto aos resultados do conhecimento dessa lei, ali mencionada.

A “lei” a que se alude na passagem aqui estudada é a Lei de Moisés. Naturalmente, não se trata de uma referência exclusiva ao Decálogo em si, mas ao conjunto dos princípios contidos nos livros que tradicionalmente tem sua autoria atribuída a Moisés: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.

Outro termo fundamental para o entendimento desta passagem é “próximo”, que na parábola assume um significado para além do convencional, como será mostrado adiante. Esta palavra, não deve ser entendida, no contexto da parábola, em seu sentido lato, mas deve ser compreendida no sentido estrito, ou seja, em que aparece no ensino subjacente na parábola, que por sua vez, foi narrada em função de um diálogo iniciado com Jesus.

#### 1.5 Sintaxe

A sintaxe diz respeito à forma como as palavras estão organizadas no texto, envolvendo, conforme explica Alexandre Júnior, a presença ou ausência de artigo definido, o tempo, o modo da voz, dentre outros aspectos relacionados à sintaxe.<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup>Bíblia Sagrada. Almeida Corrigida Fiel. João 4.9. [versão eletrônica]. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/acf/jo/4>> Acesso em 20 nov. 2019.

<sup>15</sup> ALEXANDRE JÚNIOR, 2016, p. 61.

A parábola presente na perícopes (10.25-37) não pode ser analisada em separado, isto é, em separado do diálogo entre Jesus e o intérprete da lei. A parábola do Bom Samaritano não é uma unidade discursiva independente, e nem a própria perícopes toda, completa, deve ser vista fora do contexto maior conforme indicado por Dreher.<sup>16</sup>

## 1.6 A estrutura do texto

A estrutura do texto é apresentada no início do tópico 1 deste artigo. Basicamente, inicia com um diálogo entre Jesus e o intérprete da lei, que é temporariamente interrompido pela narração da parábola. O diálogo é retomado em seguida, concluindo assim a perícopes. Abaixo, está a estrutura disposta de forma objetiva:

1. Início do diálogo: vv. 25-29;
2. Parábola: vv. 30-35;
3. Conclusão do diálogo: vv. 36-37.

## 1.7 Elementos significativos do texto

Um elemento importante que pode ser mencionado na perícopes em estudo é o fato subentendido de que ali não se estabelece um debate propriamente dito entre Jesus e o intérprete da lei. Ocorre, inicialmente, uma série de perguntas e respostas que desemboca na parábola do Bom Samaritano, narrada por Jesus. Este é um ponto importante, visto que em outras passagens se percebe um tom mais agressivo, como por exemplo em Mateus 23, onde Jesus repreende duramente os fariseus.

## 1.8 Uso de outras fontes

Lucas está a citar um fato recorrente entre os discípulos e mestres do judaísmo que é o ato de fazer perguntas durante o ensino. Isto evidencia o conhecimento do autor do contexto judaico, quando se pode considerar o fato de que Lucas é, provavelmente, o único autor não judeu do Novo Testamento.

---

<sup>16</sup> DREHER, Martin. Lucas 10.25-37: auxílio homilético. *Proclamar libertação*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1984. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/textos/lucas-10-25-37-1>> Acesso em 18 nov. 2019.

Uma fonte que pode ser mencionada, ou que **deve ser mencionada**, é a própria lei (de modo indireto, o uso do *Tanack*<sup>17</sup>). Dada a obviedade deste fato, pode ser que se ignore este fato. Mas ela é usada na perícopes, não em termos de uma citação direta, mas fica evidente que ela está sendo aludida, ou minimamente, dois de seus muitos preceitos estão sendo destacados. Em Deuteronômio 6.5, pode-se ler a respeito do amor a Deus “[...] de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças”.<sup>18</sup>

### 1.9 Ideia e sentido central do texto

Na perícopes anterior, Jesus demonstra que seus discípulos são bem-aventurados, pelo fato de que eles estavam vendo e ouvindo aquilo que profetas e reis desejaram ver e ouvir e não puderam. A ideia central comunicada pela parábola é que o discipulado consiste da prática concreta e factual do amor ao próximo. Jesus demonstra de modo direto, efetivo e contraditório ao que a mentalidade orientada pelo judaísmo entendia por “próximo” o real significado de amar as pessoas.

### 1.10 Esboço homilético

Seguindo o conselho de Alexandre Júnior no sentido de produzir um esboço homilético que derive do texto bíblico<sup>19</sup>, segue abaixo uma proposta do referido esboço:

Tema do sermão: Quem é o meu próximo?

Leitura bíblica: Lucas 10.25-37.

- Introdução
- O início de um diálogo (vv. 25-29);
- A parábola que conduz à resposta (vv. 30-35);
- A conclusão do diálogo (vv. 36-37).
- Conclusão

---

<sup>17</sup>Expressão de origem hebraica que se refere à Bíblia hebraica, equivalente ao Antigo Testamento nas Bíblias de edição católica e protestante.

<sup>18</sup>*Bíblia Sagrada*. Almeida Corrigida Fiel. [versão eletrônica]. Deuteronômio 6.5. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/acf/dt>> Acesso em 20 nov. 2019.

<sup>19</sup> ALEXANDRE JÚNIOR, 2016, p. 64.



Nos tópicos seguintes, serão feitas ponderações em torno da aplicação do texto bíblico (da aplicação em si), o que permite perceber como esta passagem (ou perícopo) pode ser contextualizada na realidade ocidental, mais especificamente, brasileira, sem que necessariamente se produzam “anacronismos hermenêuticos”. Em primeiro lugar, é preciso reconhecer a importância e mesmo a necessidade da aplicação (o que será feito no tópico seguinte), até para que essa mesma aplicação seja justificada. Na parte final, discorrer-se-á sobre a aplicação específica da perícopo em estudo.

## **2. APLICAÇÃO PRÁTICA DO TEXTO**

A aplicação prática de uma passagem da Bíblia à realidade de uma comunidade eclesial, seja ela de matriz, protestante ou católica, coloca-se como peça chave no entendimento das Escrituras. A aplicação de um texto bíblico não deve se reduzir a mera “escolha Homilética”, mas deve ser reconhecida como parte de um processo interpretativo das Escrituras. São várias as razões que justificam a aplicação. Nos subtópicos seguintes, serão consideradas assim algumas dessas razões.

### **2.1 A aplicação como ponte para a criação de pontos de contato entre o leitor e o texto bíblico**

O texto é uma forma antiga e muito eficaz de se comunicar uma mensagem. Conquanto o texto possa ser estanque, rígido e fixo, o fato é que a mensagem nele residente se mostra sempre dinâmica e revivida pelo leitor que dela se apropria e que por vezes até lhe atribui algum significado “novo”. No caso do texto bíblico, isto é, muito recorrente, de modo que talvez a Bíblia seja o texto mais explorado neste sentido.

A Bíblia é livro de fé e de devoção de milhões, se não bilhões, de pessoas no mundo todo.<sup>20</sup>Elas buscam de fato, nas Escrituras, orientação para decisões fundamentais em suas vidas. A Bíblia é recebida como regra de fé e de prática em diferentes tradições cristãs, o que reflete justamente esse viés prático quanto ao texto bíblico. Deve ser mencionado ainda o resultado ético dessa aproximação do texto bíblico, na orientação pessoal das pessoas que orientam sua moralidade pelos princípios éticos encontrados na Bíblia.

---

<sup>20</sup>COZZER, Roney R. *Contribuições da leitura popular da Bíblia para a formação integral do indivíduo: uma proposta de ensino a partir da educação cristã e de sua cosmovisão*. [Dissertação]. Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR): Curitiba, 2018, p. 45.

Pode-se considerar aqui o exemplo do Pentecostalismo, onde as Escrituras são reconhecidas sob o viés de um livro que orienta a vida e se nota assim uma valorização do estudo cuidadoso da Bíblia. Craig S. Keener, teólogo pentecostal já mencionado neste artigo, irá destacar a importância do estudo minucioso e do cuidado necessário quanto à espontaneidade na vida cristã e na “interpretação” das Escrituras. Ele afirma:

O processo de estudo cuidadoso pode não soar inspirador àqueles que acreditam que o Espírito é experimentado ou buscado exclusivamente em um contexto de espontaneidade, mas Provérbios insiste em que sejamos diligentes na busca da sabedoria e conhecimento. Os pentecostais afirmam que Lucas escreveu sua obra pelo Espírito e, no entanto, Lucas nos diz que fez pesquisa antes de escrever (Lc 1.1-4).<sup>21</sup>

Uma comunidade de fé que leva a sério o estudo da Bíblia pode ser grandemente propensa a entender que este texto precisa ser “vivido”. Falando ainda da recepção da Bíblia como mensagem a ser aplicada, e para continuar a citar o exemplo do Pentecostalismo, vale considerar como esse sentimento é refletido em documentos eclesiais oficiais. Na *Declaração de fé das Assembleias de Deus* pode-se ler o seguinte:

São dois os propósitos das Escrituras Sagradas: revelar o próprio Deus e expressar a sua vontade à humanidade. Pelo primeiro, dentre outras formas de revelação, Deus graciosamente revelou a si mesmo pela Palavra: “Havendo Deus, antigamente, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos, nestes últimos dias, pelo Filho” (Hb 1.1). Pelo segundo propósito, Deus expressa claramente a sua vontade redentora a todos e a cada um dos seres humanos sem nenhuma acepção de pessoas, por meio da fé em Jesus Cristo: “Porque nele se descobre a justiça de Deus de fé em fé, como está escrito: Mas o justo viverá da fé” (Rm 1.17). Assim sendo, o Senhor Jesus Cristo é o centro das Escrituras. Ele mesmo disse: “São estas as palavras que vos disse estando ainda convosco: convinha que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na Lei de Moisés, e nos Profetas, e nos Salmos” (Lc 24.44). Tudo o que precisamos saber sobre Deus e a nossa redenção está suficientemente revelado em sua Palavra. Ela é o manual de Deus para toda a humanidade, e suas instruções visam, também, à felicidade humana e o bem-estar espiritual e social de todos os seres humanos.<sup>22</sup>

O texto acima evidencia como se estabelece uma clara conexão entre o texto, sua mensagem e a vida. É evidente que, nem sempre, essa interpretação das Escrituras feita no nível popular é coerente e carece de correção exegética. Todavia, a Leitura Popular da Bíblia possui a sua utilidade e deve ser respeitada.

---

<sup>21</sup>KEENER, Craig S. *A hermenêutica do Espírito: lendo as Escrituras à luz do Pentecostes*. Trad.: Daniel Hubert Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 203.

<sup>22</sup>SILVA, Esequias Soares da. (org.). *Declaração de Fé das Assembleias de Deus: Jesus salva, cura, batiza no Espírito Santo e breve voltará*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 27,28.

A aplicação possibilita justamente a identificação de “pontos de contato” entre a mensagem bíblica e o leitor contemporâneo. De algum modo, o texto bíblico, em seu conjunto de 66 livros abarcados pelo Antigo e pelo Novo Testamentos, deixa de ser mero registro de doutrinas e narrativas, que são reflexos de realidades distantes e que não mais tenham voz hoje, ao agora, ao ser humano pós-moderno. Com efeito, Robert P. Menzies, um teólogo e missionário pentecostal, comenta o seguinte a respeito da maneira como os pentecostais interpretam o texto bíblico:

Não, a hermenêutica da maioria dos crentes pentecostais não é excessivamente complexa. Não está cheia de questões sobre a confiabilidade histórica ou repleta de cosmovisões ultrapassadas. Não é excessivamente reflexiva sobre os sistemas teológicos, a distância cultural ou as estratégias literárias. A hermenêutica do crente pentecostal típico é direta e simples: as histórias em Atos são *minhas* histórias – histórias que foram escritas para servir de modelo para moldar a minha vida e experiência. Isso não quer dizer que os pentecostais não exercem discernimento ou julgamento. Afinal, nem todas as histórias estão cheias de façanhas de heróis. Há vilões, e nem todos os aspectos da história devem ser imitados. Entretanto, permanece o fato de que os pentecostais prontamente aceitaram (os detratores diriam acriticamente) as histórias de Atos como *nossas* histórias, histórias que moldam a nossa identidade, ideais e ações.<sup>23</sup>

O texto de Menzies reflete justamente essa percepção da Bíblia como que contendo mensagens que falam à vida, ao hoje e às necessidades das pessoas. Questões como sofrimento, alegria, esperança, renovação do ânimo pessoal, coragem para enfrentar desafios dentre tantos outros assuntos vão assim “operando” como pontos de contato com o texto bíblico. Essas histórias bíblicas e esses preceitos bíblicos são assim “nossas histórias” e “nossos preceitos”. Jesus Cristo não é o Jesus empoeirado da Velha Busca, mas sim o “meu Jesus”. O Reino de Deus não é uma abstração teológica, mas uma realidade da qual “eu participo” e que exige respostas concretas do sujeito no mundo da vida.

## 2.2 A aplicação como elemento “vivificador” do texto bíblico

Este constitui um ponto polêmico, de certo modo, no que tange à interpretação do texto bíblico. Muitas vezes, a mensagem bíblica é deformada para adequar-se a interesses denominacionais. Dito de modo mais direto: manipula-se (e, conseqüentemente, adultera-se) determinados textos bíblicos para legitimar decisões, práticas e ritos. Isto pode ser resultado

---

<sup>23</sup>MENZIES, Robert P. *Pentecostes: essa história é a nossa história*. Trad.: Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2016, p. 22.

de diversos fatores: repetição irrefletida de determinadas tradições eclesiais, imperícia hermenêutica ou desonestidade intelectual mesmo.<sup>24</sup>

Mesmo diante do desafio acima expresso, é preciso lembrar que a aplicação continua sendo fundamental e pode ser exercida sem necessariamente violar o texto bíblico, suprimindo dele seu real significado. Aplicação da mensagem bíblica deve ser entendida justamente como o oposto, pois, ela deve brotar do correto entendimento das Escrituras. Uma vez feito um trabalho interpretativo honesto, estabelece-se o que pode e o que não pode ser reproduzido, nos dias atuais.

Com efeito, existe uma interessante discussão entre os exegetas a respeito do que é ou não aplicável nas epístolas do Novo Testamento. Essa preocupação com os impactos ou resultados da leitura dos textos bíblicos nos leitores é também chamada de “análise pragmática”, que é aquela análise exegética que “[...] pretende identificar os efeitos que os textos procuraram desencadear em seus leitores/as”.<sup>25</sup>

É interessante notar ainda que essa vivificação do texto bíblico já pode ser percebida no próprio texto bíblico. Como se sabe, o cânon das Escrituras vai sendo constituído gradualmente, de modo, que no tempo de Jesus, o Novo Testamento sequer havia começado a ser escrito. Isto só ocorreria, obviamente, décadas mais tarde. Mas o *Tanack*, nos dias de Jesus, já estava formado há séculos. F. F. Bruce, comentando a respeito da importância do Antigo Testamento, afirmou o seguinte:

[...] nas primeiras gerações da sua existência a única Bíblia da igreja cristã era o Antigo Testamento, e ela se deu muito bem tendo somente o Antigo Testamento. Quando nosso Senhor afirma que “são as Escrituras que testemunham a meu respeito” (Jo 5.39), ele está se referindo às Escrituras do AT. Quando é dito a Timóteo que “toda Escritura é inspirada por Deus”, a referência é àqueles escritos sagrados com que Timóteo estava familiarizado desde a infância – ou seja, os escritos do Antigo Testamento(a propósito, na versão LXX). Timóteo é lembrado que esses são os escritos “que são capazes de torná-lo sábio para a salvação mediante a fé em Cristo Jesus” e que proporcionam uma instrução abrangente e completa “para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra” (2 Tm 3.15-17). Era do Antigo Testamento que os primeiros pregadores

---

<sup>24</sup>Um caso recente que pode ilustrar muito bem esta questão é o ocorrido numa das convenções das Assembleias de Deus, em Cuiabá, no Mato Grosso. Como se sabe, grande parte da referida denominação ainda se mantém muito conservadora no que tange a usos e costumes. A convenção assembleiana de Mato Grosso emitiu uma resolução informando aos seus membros que estaria proibido o uso de bateria, a frequência a cinemas, o uso da calça comprida pelas mulheres e o uso da TV e para tanto, a carta faz menção de alguns versículos bíblicos, obviamente utilizados fora de contexto. A resolução proíbe o uso da bateria amparada pelo texto de Amós 5.23, praticando assim uma espécie de anacronismo bíblico quando relaciona um texto das Escrituras que nada tem que ver com o instrumento musical bateria (*Assembleia de Deus no Mato Grosso proíbe TV, maquiagem, brinco e usar barba*. Gospel Prime [site]. Disponível em: <<https://www.gospelprime.com.br/assembleia-de-deus-no-mato-grosso-proibe-tv-maquiagem-brincoe-usar-barba/>> Acesso em 24 out. 2019)

<sup>25</sup>WEGNER, 1998, p. 152.

cristãos, seguindo o exemplo do seu Mestre, extraíam seus textos; e o faziam de maneira formal e expressa quando se dirigiam a audiências judaicas e de maneira implícita quando pregavam aos gentios. Assim como Jesus afirmou que não viera abolir a Lei os Profetas, mas para cumpri-los (Mt 5.17), Paulo também afirma que a Lei e os Profetas testemunham do evangelho da Justificação pela fé (Rm 3.21,22).<sup>26</sup>

Jesus, por vezes, fez citações do Antigo Testamento e de suas profecias como que se cumprindo e encontrando aplicação em seus dias. Os textos de Lucas 24.27 e 44 constituem um exemplo muito interessante. Percebe-se ali que Jesus dá vida aos textos da Torá, dos Profetas e dos Escritos enquanto os aplica a si mesmo. Aqueles textos encontravam assim uma aplicabilidade prática nos dias de Jesus, nele mesmo.

Outro exemplo interessante do próprio texto bíblico utilizando outros textos bíblicos de modo a torná-los aplicáveis é o uso que os autores do Novo Testamento fazem de textos do Antigo Testamento. Trata-se, na verdade, de um uso constante de modo que se pode perceber no Novo Testamento alusões, ecos e citações diretas do Antigo Testamento. A fim de exemplificar isto, cita-se a explicação que o exegeta pentecostal Gordon D. Fee dá para a passagem de 1 Coríntios 3.16,17 e 6.19, quando o apóstolo fala do cristão como templo de Deus:

Em uma leitura canônica do Antigo Testamento, a promessa deutero-canônica cumpriu-se na construção do Templo de Salomão, onde a mesma glória de Êxodo 40 desceu e “encheu a Casa do SENHOR” (1 Rs 8.11). Mas o fracasso dos israelitas os fez perder a presença de Deus. A tragédia é esta: o Templo em Jerusalém, o lugar onde Deus escolhera habitar, foi destruído. O povo é levado cativo, e os exilados e os sobreviventes não são mais um povo distinguido pela presença do Deus vivo em seu meio, embora haja a promessa na grande visão de Ezequiel (Ez 40-48). O segundo templo evoca sentimentos mistos entre os israelitas. À luz do templo de Salomão e do prometido futuro templo de Ezequiel, Ageu se queixa: “Quem há entre vós que, tendo ficado, viu esta casa na sua primeira glória? E como a vedes agora? Não é esta como nada em vossos olhos, comparada com aquela?” (Ag 2.3). É esse complexo de ideias e imagens que Paulo capta em 1 Coríntios 3.16,17 e 6.19. O seu introdutório “Não sabeis vós”, seguido por “que sois o templo de Deus [em Corinto]”, indica fortemente que esta é a rica história que Paulo tem em mente. A igreja, corporativa e individualmente, é o lugar da presença pessoal de Deus pelo Espírito [...].<sup>27</sup>

Paulo extrai uma mensagem viva para a comunidade de fé que o lia de uma promessa e de uma imagem histórica do Antigo Testamento, em Corinto. A aplicação permite assim a busca por modelos práticos e reais para os dias atuais no texto bíblico. Possibilita uma espécie de transposição da mensagem bíblica para a realidade do leitor. Fee chega a dizer,

---

<sup>26</sup>BRUCE, F. F. (ed.). *Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento*. Trad.: Valdemar Kroger. São Paulo: Editora Vida, 2009, pp. 3,4.

<sup>27</sup>FEE, Gordon D. *Exegese? Para quê? 21 estudos textuais, exegéticos e teológicos do Novo Testamento*. Trad.: Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2019, p. 304.

categoricamente, “[...] que o objetivo final da exegese é espiritual, a saber, produzir em nossa vida e na vida dos outros uma espiritualidade verdadeira, na qual o povo de Deus viva em comunhão fiel uns com os outros e com o Deus vivo [...]”.<sup>28</sup> Os cristãos se colocam assim como legítimos herdeiros da mensagem bíblica, entendendo que essa mensagem é extensiva a eles também, e não se restringe apenas aos leitores originais. Tendo isto em mente, é possível explorar satisfatoriamente a perícopa em tela neste artigo com vistas à comunidade de fé.

### 2.3 A aplicação como resultado final do trabalho exegetico

O trabalho de interpretação de textos bíblicos não é apenas “laboratorial”, mas deve ter como fim último a comunidade de fé em que o exegeta se insere e requer do exegeta sensibilidade. E vários exegetas concordam nisto.<sup>29</sup> Esse esforço de aplicar à comunidade de fé os textos bíblicos com sua mensagem pode também ser chamado de atualização dos textos bíblicos, como menciona Wegner.<sup>30</sup> Isto leva a pensar justamente na possibilidade de que a Bíblia se coloque como uma mensagem atual e relevante para a vida da Igreja.

O que se pretende comunicar neste tópico é que **a aplicação deve ser o resultado final do labor exegetico**. Um estudo de um texto bíblico sem aplicação se reduz a mera análise de uma narrativa antiga. Uma leitura bíblica adequada é contextualizada, fala ao ser humano contemporâneo. Neste sentido, pode-se afirmar que a Hermenêutica e a Exegese possuem, enquanto disciplinas teológicas, uma finalidade também comunitária. E este é um aspecto fundamental dessas disciplinas, pois é o que as torna práticas, essenciais e relevantes para a vida da Igreja. Isto, também permite afirmar que essa característica também as torna disciplinas públicas, pensadas no contexto de uma teologia pública.<sup>31</sup>

## 3. APLICAÇÕES PRÁTICAS DA PASSAGEM ESTUDADA

---

<sup>28</sup>FEE, 2019, p. 305.

<sup>29</sup> Cf.: FEE, 2019, p. 305ss; WEGNER, 1998, p. 381ss; ALEXANDRE JÚNIOR, Manuel. *Exegese do Novo Testamento: um guia básico para o estudo do texto bíblico*. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 373ss.

<sup>30</sup>WEGNER, 1998, p. 381ss.

<sup>31</sup>A Teologia Pública, ou o pensar a Teologia em relação ao público, implica pensar-la política e socialmente. A Teologia possui um *status* político, que deve ser considerado. João Décio Passos comenta o seguinte: “A designação *teologia pública* retoma uma dimensão essencial do discurso racional e instituído da fé e beira, por isso mesmo, a redundância verbal. Não há *logos* que não seja público, tendo em vista a consensualidade sobre a qual edifica todo discurso objetivo em sua gênese e estrutura” (PASSOS, João Décio. *A construção do conhecimento legítimo: percursos e desafios para a teologia pública no Brasil*. *Estudos de Religião*. v. 25, n. 41, pp. 57-76. jul./dez. 2011, p. 58).

Como visto nos subtópicos anteriores, a aplicação é tanto o resultado final do trabalho exegético, no sentido de que ela está na ponta desse processo, como também “vivifica”, isto é, dá vida ao texto bíblico. Pensando nestes fatores, a perícopes destacada neste artigo será considerada justamente sob o viés da aplicação prática. Dois aspectos do texto de Lucas 10.25-37 são destacados a seguir, a saber: em primeiro lugar, o resgate da alteridade no ensino de Jesus e o sentido que a palavra “próximo” adquire no ensino do Mestre.

### 3.1 O resgate da alteridade em Jesus

A palavra “alteridade” interessa não apenas para a Teologia, mas a outras disciplinas como a Filosofia, a Sociologia e ambas refletem sobre a importância deste conceito. A palavra “alteridade” aponta para o estado ou para a qualidade do que é de outrem, de outra pessoa. Pode ser considerada o oposto de individualismo e de egoísmo. O filósofo Nicola Abbagnano define assim o termo:

Ser outro, colocar-se ou constituir-se como outro. A alteridade é um conceito mais restrito do que diversidade e mais extenso do que diferença. A diversidade pode ser também puramente numérica, não assim a alteridade.<sup>32</sup>

A partir do ensino de Jesus pode-se falar de uma espécie de “alteridade cristã”, no sentido de pensar o outro pelas lentes do ensino de Cristo. Percebe-se pela leitura dos quatro evangelhos que nos dias de Jesus a religião era colocada acima das pessoas, e não a serviço delas. Uma espécie de ortodoxia sem misericórdia era praticada livremente e revestida de um manto de santidade e de piedade, o que foi duramente condenado por Jesus em mais de uma ocasião. O texto de Mateus 23 é um exemplo emblemático de um ataque duríssimo de Jesus contra esse tipo de legalismo religioso dos seus dias.

Nas epístolas, o ensino de Cristo é reproduzido, pelos apóstolos, que o colocam como o Paradigma maior no que tange ao relacionamento com o outro. O apóstolo Paulo e o apóstolo João irão escrever o seguinte:

Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo.  
Portanto, aos tais devemos receber, para que sejamos cooperadores da verdade.<sup>33</sup>

---

<sup>32</sup>ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Trad.: Alfredo Bossi. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 34.

<sup>33</sup>Gl 6.2; 3 Jo v. 8 (todas as referências na Almeida Corrigida Fiel).

Este ensino do Novo Testamento (e de toda a Bíblia, por extensão) deve ser captado com o coração, de modo, a fazer-nos melhores. Numa era marcada pelo consumismo voraz, que coisifica seres humanos e destrói o nosso *habitat*, pensar a repensar a alteridade à luz do ensino de Jesus é fundamental, especialmente para a Igreja. Certamente, em Lucas 10.25-37, encontramos um grande ensino sobre alteridade.

### 3.2 O sentido de “próximo” na perícopes em estudo

O ensino de Jesus a respeito do outro é recorrente nos Evangelhos. O Sermão da Montanha, registrado em Mateus capítulos 5 a 7, está repleto dos ensinamentos de Jesus sobre o amor ao próximo e até mesmo da necessidade do sacrifício pessoal em favor do outro. Certamente, a palavra “próximo” merece atenção especial.

Esse cuidado com a busca pelo sentido das palavras é, sem dúvida, algo muito importante no estudo de determinada perícopes bíblica. Alexandre Júnior comenta:

[...] o ministro da Palavra lê, analisa, estuda e compreende o texto. Por mais simples que seu método de estudo seja, ele exige sempre a identificação do sentido das palavras num texto por força do contexto literário em que se insere.<sup>34</sup>

A palavra “próximo”, na acepção em língua portuguesa, aponta tanto para algum evento próximo de ocorrer, ou a alguma pessoa que faz parte do círculo íntimo. Na acepção da palavra no contexto bíblico, vários termos precisam ser considerados. Russell N. Champlin, comenta que há quatro palavras hebraicas e uma grega. As palavras hebraicas são: *rea*, que significa “associado”, “companheiro”; *shaken*, que significa “concidadão”, “vizinho”; *Qarob*, que significa simplesmente “próximo” e *Amith*, que significa “colega”, “igual”, “próximo”. A palavra grega é *plesíone* significa “próximo”, “vizinho”, “concidadão”. “Essa palavra grega aparece por 17 vezes no Novo Testamento: Mt 5.43 (citando Lv 19.18); 19.19; 22.39; Mc 12.31,33; Lc 10.27,29,36; Jo 4.5; At 7.26; Rm 13.9,10; 15.2; Gl 5.14; Ef 4.25; Tt 2.8; 4.12”.<sup>35</sup>

Algumas lições preciosas podem ser extraídas da perícopes em foco. Champlin comenta que “[...] para um israelita, um outro israelita era o próximo, porquanto era um irmão, participante, com ele, do mesmo pacto com Abraão”.<sup>36</sup> Fica evidente no ensino de

<sup>34</sup>ALEXANDRE JÚNIOR, 2016, p. 375.

<sup>35</sup>CHAMPLIN, Russell N. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. Vol. 5. São Paulo: Candeia, 1991, p. 489.

<sup>36</sup>CHAMPLIN, 1991, p. 489.



Jesus que esse tipo de compreensão é rejeitado. Jesus mostra, por meio da parábola, que o próximo pode ser justamente alguém que não atende a esse critério nacionalista-religioso hebreu. Se o israelita deveria ser amado por fazer parte desse pacto sagrado, ao não israelita, conforme preceituava a interpretação rabínica, devia-se odiar.<sup>37</sup> A compreensão dos judeus quanto ao mandamento de amar ao próximo era restrita. Jesus, por sua vez, amplia ou universaliza essa doutrina. Sem dúvida, Jesus rompe drasticamente com determinada tradição rabínica para resgatar o sentido real da Lei divina.

Outra importante detecção que se pode fazer da passagem em consideração é que o próximo não necessariamente é uma referência a quem está “próximo a mim”, mas sim “aquele de quem eu me aproximo”. Noutras palavras, além de romper com o exclusivismo do judaísmo, Jesus expande o conceito de “próximo” estendendo-o para aqueles que não fazem parte de determinado círculo. É interessante considerar a conclusão de Jesus no versículo 37 para o doutor da Lei que o havia interrogado: “Vai, e faz da mesma maneira”.

Ainda que ao modo do mundo do século 21, conforme seus próprios contextos, as pessoas continuam cometendo o mesmo pecado. Numa era em que o ter vale mais que o ser, é preciso resgatar a “alteridade cristã” e o sentido de “próximo”. É preciso mover-se em direção ao outro no sentido de amá-lo, considerando suas necessidades e estendendo a mão para ajudar sem condicionamentos prévios, que tornem mesquinha a relação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este artigo procurou refletir sobre a perícopa bíblica neotestamentária de Lucas 10.25-37, uma passagem muito conhecida do público em geral. Ela contém a “Parábola do Bom Samaritano”, como é conhecida a referida parábola narrada por Jesus. O presente artigo não pretendeu aprofundar a análise exegética propriamente dita, mas fez considerações iniciais no plano exegético a respeito da passagem em foco, como visto no primeiro tópico. A análise exegética propriamente dita poderia ser feita, naturalmente, seguindo metodologias propostas, como por exemplo a de Alexandre Júnior.<sup>38</sup>

Dito isso, o presente artigo procurou discorrer brevemente sobre o gênero literário parábola, um recurso didático tão utilizado por Jesus. Entende-se que é fundamental observar os detalhes do diálogo desenvolvido entre Jesus e o intérprete da Lei, para que se possa assim

---

<sup>37</sup>CHAMPLIN, 1991, p. 489.

<sup>38</sup>Cf.: ALEXANDRE JÚNIOR, 2016, pp. 57-64; considere também o “Plano de análise na exegese do texto” proposto pelo autor: pp. 65-72.

considerar as aplicações possíveis da parábola. De certo modo, é esse diálogo que “acomoda” a parábola da perícopes.

Na parte dois do artigo, isto é, no tópico dois, refletiu-se sobre a importância da aplicação na tarefa exegética. E numa perspectiva teológico-devocional, é admitida a necessidade de que a mensagem bíblica, ao ser aplicada, seja acolhida com o coração para produzir resultados práticos na vida individual e na coletividade da comunidade de fé onde essa mensagem é compartilhada. Vale destacar aqui que o princípio da aplicação pessoal de determinada passagem bíblica encontra suporte na própria Bíblia, mais especificamente aqui, na própria perícopes em análise. Craig S. Keener comenta o seguinte a respeito da expressão “Respondeste bem, no versículo 28: *Respondeste bem* serve, de forma muito apropriada, para tornar clara a aplicação da parábola ao próprio indivíduo que ofereceu a resposta”.<sup>39</sup>

Por fim, no tópico três, refletiu-se sobre duas aplicações possíveis da perícopes em estudo. Discorreu-se sobre o resgate do sentido de alteridade em Jesus e também sobre o sentido que a palavra “próximo” assume no ensino de Cristo. Keener irá comentar: “Os mestres judeus muitas vezes usavam o termo “próximo” para se referir a outros israelitas”. O mesmo autor prossegue afirmando que “[...] a história de Jesus obriga os ouvintes a se identificarem com um mercador solitário, ou samaritano, embora parte da platéia preferisse apoiar o sacerdote ou o levita”.<sup>40</sup>O fato é que o intérprete da Lei, mediante o ensino de Jesus nesta parábola, mesmo relutante, teve que admitir que o próximo em questão era justamente quem eles procuravam evitar: o samaritano. Sem dúvida, o texto em estudo coloca-se para o exercício da diaconia para todas as pessoas, como um dos aspectos fundamentais do modo de ser e atuar da comunidade cristã.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Trad.: Alfredo Bossi. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALEXANDRE JÚNIOR, Manuel. *Exegese do Novo Testamento: um guia básico para o estudo do texto bíblico*. São Paulo: Vida Nova, 2016.

*Assembleia de Deus no Mato Grosso proíbe TV, maquiagem, brinco e usar barba*. Gospel Prime [site]. Disponível em: <<https://www.gospelprime.com.br/assembleia-de-deus-no-mato-grosso-proibe-tv-maquiagem-brinco-e-usar-barba/>> Acesso em 24 out. 2019.

---

<sup>39</sup>KEENER, Craig S. *Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento*. Trad.: José Gabriel Said. Thomas Neufeld de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 242.

<sup>40</sup>KEENER, 2017, p. 242.

BAILEY, Kenneth E. *As parábolas de Lucas: a poesia do camponês: uma análise literário-cultural*. 3. ed. Trad.: Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 1995.

BRUCE, F. F. (ed.). *Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento*. Trad.: Valdemar Kroker. São Paulo: Editora Vida, 2009.

CHAMPLIN, Russell N. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. Vol. 5. São Paulo: Candeia, 1991.

COZZER, Roney R. *Contribuições da leitura popular da Bíblia para a formação integral do indivíduo: uma proposta de ensino a partir da educação cristã e de sua cosmovisão*. [Dissertação]. Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR): Curitiba, 2018.

DREHER, Martin. Lucas 10.25-37: auxílio homilético. *Proclamar libertação*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1984. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/textos/lucas-10-25-37-1>> Acesso em 18 nov. 2019.

FEE, Gordon D. *Exegese? Para quê? 21 estudos textuais, exegéticos e teológicos do Novo Testamento*. Trad.: Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2019.

KEENER, Craig S. *Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento*. Trad.: José Gabriel Said. Thomas Neufeld de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2017.

KEENER, Craig S. *A hermenêutica do Espírito: lendo as Escrituras à luz do Pentecostes*. Trad.: Daniel Hubert Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2018.

KUNZ, Claiton André. *As Parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus*. Curitiba: A. D. Santos Editora, 2014.

MENZIES, Robert P. *Pentecostes: essa história é a nossa história*. Trad.: Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD. 2016.

PASSOS, João Décio. A construção do conhecimento legítimo: percursos e desafios para a teologia pública no Brasil. *Estudos de Religião*. v. 25, n. 41, pp. 57-76. jul./dez. 2011.

SILVA, Esequias Soares da. (org.). *Declaração de Fé das Assembleias de Deus: Jesus salva, cura, batiza no Espírito Santo e breve voltará*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 1998.